

RESILIÊNCIA FRENTE A UM CASO DE ÓBITO EM UTI NEO-NATAL

Manuela dos Reis Parenti (acadêmica de Psicologia - participante do projeto de extensão 0725/04-HUM/UEM, Maringá-PR, Brasil); Caroline Polizeli (acadêmica de Psicologia - participante do projeto de extensão 0725/04-HUM/UEM, Maringá-PR, Brasil); Isabella Suttini Ferreira (acadêmica de Psicologia - participante do projeto de extensão 0725/04-HUM/UEM, Maringá-PR, Brasil); Eidicléa Regiane Gonçalves, (Psicóloga credenciada HUM/UEM, Maringá-Pr, Brasil); Jane Biscaia Hartmann (Psicóloga Hospitalar, Coordenadora do projeto de extensão 0725/04-HUM/UEM, Maringá-PR, Brasil).

contato: manuelaparenti@hotmail.com

O presente trabalho refere-se a um relato de experiência realizada pelos acadêmicos de psicologia no projeto de extensão Psicologia Hospitalar e Equipe Multiprofissional-Interdisciplinaridade na Promoção de Saúde, apresentando um caso de acompanhamento psicológico em contexto hospitalar de uma paciente durante o pós-parto e consequente internação de sua filha portadora de síndrome de Patau, tendo como objetivos socializar a experiência vivenciada em atividades extracurriculares. O caso em questão se refere a paciente E. de 29 anos, mãe de H. que ficou hospitalizada desde o seu nascimento até o óbito, totalizando 73 dias de internamento. E. foi acompanhada semanalmente pela equipe de psicologia do Hospital Universitário de Maringá e ao longo do trabalho começou a considerar a possibilidade de morte de sua filha por conta do seu prognóstico. Esta síndrome que se caracteriza por Trissomia do Cromossomo 13, é uma doença genética que tem como principais manifestações malformações fetais envolvendo sistema nervoso central, craniofacial, cardiovascular, urogenital, entre outros e geralmente, os fetos portadores dessa síndrome não chegam a termo e os que nascem possuem sobrevivência extremamente curta. A mãe se mostrava muito abalada, e logo nos primeiros atendimentos chegava a se perguntar o motivo de H. ser uma criança síndrômica, já que foi fruto de uma gestação planejada, um casamento consolidado, e família estruturada porém durante o trabalho realizado, a mãe foi aos poucos desenvolvendo um mecanismo de enfrentamento da dor com características de resiliência que pode ser conceituada como a possibilidade de superação num sentido dialético, o que representa não uma eliminação, mas uma re-significação do problema. Sabendo que não se nasce resiliente, nem se adquire a resiliência naturalmente durante o desenvolvimento humano, e que a resiliência depende de certas qualidades desse processo interativo do próprio indivíduo com outras pessoas, responsáveis pela construção do sistema psíquico humano, podemos concluir que o acompanhamento psicológico pode ter sido um dos fatores que contribuíram para o desenvolvimento dessa característica resiliente por parte de E., além do convívio familiar e de seus conteúdos psíquicos. O acompanhamento psicológico lançou um olhar humanizado que pôde perceber além da doença, uma história de vida.

Palavras-chave: Resiliência. Psicologia Hospitalar. Óbito.